

## *Entrevista com Tião Xoxô*

*Realizada no dia 12-06-2012, no Centro de Vitória, ES*

102

### **Vamos começar falando um pouco sobre a sua infância, você é natural de Montanha?**

Não, eu sou nordestino, mas me considero capixaba. Aquele capixaba nato que adora essa terra. Nós viemos para Montanha em 1958, vindos de Tanque Novo que é município de Riachão dos Dantas, em Sergipe. Eu nasci em 07 de maio de 1946. Quando eu vim para Montanha eu tinha de nove para dez anos. Chegando lá me passaram logo para a quarta série, disseram que eu já tinha competência para a quarta série. Depois, entrei no ginásio, tudo isso em colégio de padres.

### **Por que vocês saíram de lá?**

É aquela história, todo nordestino é aventureiro. Todo mundo tinha uma impressão maravilhosa aqui do sul. E o primo de minha mãe conhecia Montanha, que era uma área de pecuária. Meu pai era comerciante, eles sempre foram bem de vida. Nunca fomos, assim, miseráveis. Nós viemos, compramos uma padaria que era do meu tio e que meu pai assumiu.

### **Lá em Sergipe você já tinha algum contato com o teatro?**

O que eu via era o teatro de bonecos. Eu morria de rir com aqueles bonecos de madeira e de pau, mamulengo. Eles não chamavam teatro, tinha uma senhora que fazia, eles chamavam drama. Eles faziam um drama que até hoje é conhecido no circo, *A Louca do*

*Jardim.* Lá existiam casarões grandes e eles faziam um palco de madeira e apresentavam, dava muita gente.

### **E as pessoas pagavam?**

Pagavam, mas era pouco, quase simbólico. Lotava, cidade do interior. Lá também tinha o reisado, que era muito bonito, que o meu pai comprava para as pessoas irem assistir. Com dez, doze anos, eu estava no ginásio, trabalhava com meu pai e estudava. Depois eu fiz magistério num colégio de irmãs que não podia entrar homem. Uma irmã me admitiu junto com mais três, nós não queríamos fazer contabilidade naquela época e fomos para o colégio. Em 1976, no colégio das irmãs, tinha um pequeno teatro no sótão, com cadeiras, coxias, pequenos refletores. A irmã montava peças, a primeira que ela fez foi sobre a vida de Santa Bárbara.

### **E como é que você conseguiu estudar numa escola de freiras?**

O ginásio era a casa dos padres. E foram eles que trouxeram as irmãs. E elas aboliram esse negócio de ficarem separados homens e mulheres. Eu tinha terminado o ginásio e tinha um magistério lá que chamava Normal. Em 1968 eu terminei o magistério e já trabalhava no estado, naquela época como docente de emergência. Em 1976 eu pedi à irmã, eu gostava demais de teatro de bonecos, eu fazia na escola das irmãs, em aniversários...

### **Dos 10 anos até 1976, você teve algum envolvimento com o teatro? Iam espetáculos lá?**

Não, você sabe que quando eu vim fazer minha nomeação aqui em Vitória, que foi em 1970, eu demorei dois dias para chegar a Vitória. No terceiro dia que eu cheguei. Não tinha asfalto, não tinha nada, era muito difícil.

### **Tinha alguém lá em Montanha que fazia teatro?**

Tinha lá o grupo de um senhor, mas depois sumiu. Em 1976 eu criei o grupo, chamava GRUTAUM, Grupo de Teatro Amador União de Montanha. Era difícil achar homem para o elenco...

### **Você estudava na escola ainda?**

Não, já era professor. Foi em 1968 que eu me formei. A irmã me falou que se eu quisesse formar um grupo de teatro eu poderia utilizar os alunos. A irmã e o padre me davam muito apoio porque, também, eu havia sido coroinha [risos], eu fui de tudo na minha vida! Eles me deram todo apoio, a irmã, o padre, na Semana Santa eu fazia autos, quando precisava de panos, a igreja ajudava.

104

### **Com quantos anos você começou a fazer encenações lá em Montanha?**

Com o grupo foi em 1978. Antes eu fazia uns trabalhos em escola.

### **Então você começou num nível mais profissional a partir de 1978?**

Não digo profissional, era amador. Porque tinha a Confenata que era a Confederação Nacional de Teatro Amador e em cada estado tinha uma Federação. Aqui chamava Fecata. Foram anos maravilhosos, eu sei que tinha ditadura, mas graças a Deus eu nunca fui barrado por nada não, porque você sabe, nós intelectuais e atores somos diferentes né?

### **Você se lembra do golpe militar, você tinha quantos anos na época?**

Já estava dando aulas no ginásio, tinha mais de dezoito.

### **Eu gostaria de saber como foi a repercussão do golpe no interior, como as informações chegavam lá...**

Já tinha televisão, eu ficava sabendo por ela, pelo rádio, e também pelos políticos de lá que vinham sempre aqui.

**Existia aquela postura autoritária no interior?**

Não, coisas assim desse porte só aqui em Vitória. Uma vez nós fomos num encontro na UFES que nessa época era efervescente, tinha as Mostras de Teatro, tinha muita coisa boa, aquela música que até hoje não sai da minha cabeça [canta]: “vem vamos embora que esperar não é saber...”. Ave Maria! Quem é que falava isso mesmo? Eu sei que sem você saber tinha sempre umas três, quatro pessoas deles infiltradas no meio.

**E com relação à Censura?**

Censura tinha. Você tinha que vir a Vitória, quem muito me ajudou com a censura foi Renato, que eu não sabia como é que era aqui. Tinha que ter um diploma que vinha de Brasília.

**Quando você montava as peças lá em Montanha você tinha que ter essa autorização?**

A Sbat já conhecia aqui. Só que nunca foi ninguém lá. Eu também não pagava, mas ninguém nunca me cobrou.

**Então lá mesmo não teve muito problema, a polícia de lá...**

Não, nem aqui em Vitória eu cheguei a ver nada de brutalidade, dessas coisas. Vi (?) já depois, quando eu fui para outros estados, porque a Fecata dava direito de cada grupo irem duas pessoas. A Fecata e a Confenata ajudaram muito a gente, muito mesmo, o governo federal, o Serviço Nacional de Teatro, que era o Orlando Miranda, ajudou demais a gente, me ajudou muito. Eu fiquei tão conhecido que um dia ele esteve aqui em Vitória e falou que queria me conhecer, ficou aqui até me esperando.

**Você teve algum cargo na Federação?**

Não, eu participava dos encontros como diretor do grupo.

### **Você então conheceu o Orlando Miranda?**

Demais, ele veio até a Vitória. Eu achei tão engraçado. Eu vi a entrevista em que ele falava que queria me ver.

### **E como é que você ficou famoso assim?**

Nesses encontros que eu ia. Até o primeiro encontro que eu fui, eu tinha comprado um jornal e preenchi um cupom do SNT que dizia se eu interessado em teatro de bonecos, teatro infantil, e eu sou apaixonado, aí eu escrevi. Era o projeto Mambembe, Mambenbinho. O Brasil e o mundo todo estavam lá. O primeiro encontro foi em Petrópolis, no Rio de Janeiro, quase já na década de 1980. Eles me deram a passagem. Fiquei um mês. Um lugar chique, era um Sesc. Foi lá que eu fiquei famoso. Eu fui como representante da Confenata, eu também era sócio da ABTB, Associação Brasileira de Teatro de Bonecos.

106

### **Só foi você daqui?**

Do Espírito Santo só fui eu. O magistério me dava direito de ir porque era cultura.

### **Lá você conheceu o Orlando?**

Foi, mais o assessor dele, que era o Humberto Braga, responsável pelo Teatro Infantil. Eu vi aquela peça famosíssima *Feliz Ano Velho*.

### **O que você achou do Orlando?**

Uma pessoa maravilhosa. Humano...

### **Ele ficou muitos anos a frente do SNT...**

Ficou, mais de 15 anos.

### **Os militares não implicavam com o SNT?**

Ele sofreu pra chuchu, mas ele não deixava a peteca cair.

### **Ele nunca chegou a ser perseguido, preso?**

Não, ele defendia o SNT, os artistas. Teve uma peça que foi proibida pela censura e ele aprovou no SNT. De Oduvaldo Vianna Filho, não sei o que lá do coração. A peça passou e a censura quis travar. Aí eles faziam escondido. Uma hora, uma e meia da manhã, no teatro. E aquela outra que fala da morte do Herzog, *Patética*. Lá no Rio, meu colega dizia: “você quer ir assistir uma sessão maldita”? [risos]. Meu Deus!

### **O que era a sessão maldita?**

Era o texto proibido. E eles apresentavam assim mesmo, escondidos. Falavam: “hoje, tantas horas, será a sessão maldita”.

### **Quais peças malditas você viu por lá?**

A *Patética* e essa do Oduvaldo Vianna Filho.

### **E a polícia não baixava lá não?**

Se baixava eu não sei, eu sei que tinham espiões que davam o sinal se viesse alguém. Podia ser um assovio... Eu tive colegas que sofreram muito mesmo, eu tive uma colega que sofreu tanto, ficou tão traumatizada que “pegou” Mal de Parkinson. Era uma grande escritora do Rio. Muita gente sofreu, mas eu nunca cheguei a enfrentar nenhum caso não. Mas, eu sabia. E a censura não era brincado não. Uma vez eu montei um texto de Maria Clara Machado, tinha que ter autorização da censura.

### **Mesmo quando se apresentava em Montanha?**

Mesmo lá.

### **E quem lá de Montanha que fiscalizava?**

É o seguinte, eu tive a honra de ser muito ajudado pelo governo estadual e federal. Me ajudaram e muito. Porque eu não tinha condição, hoje você não monta uma peça com menos de três mil reais; imagina naquela época. Eu, funcionário público, [risos] mas, eu montava um espetáculo todo ano, desde 1976. Eu trouxe grupos de fora, *Duvideodó*, eu levei a Sylvia Orthof para Montanha, mas ela não chegou porque o carro atolou [risos]. Todo ano tinham os editais, o estadual que juntava com o federal. Antes era só federal.

108

### **Qual era o edital estadual que existia?**

Eram os patrocínios de montagem.

### **E quanto que era?**

Eu me lembro que o primeiro que recebi era cinco ou seis mil cruzeiros do Serviço Nacional de Teatro. Da Fundação era no máximo mil e pouco. Nós éramos cerca de 160 grupos.

### **As pessoas se inscreviam e tinha um concurso?**

Não, você fazia um projeto. Vamos supor, eu quis montar *O Rico Avarento*, de Suassuna, isso em 1982, 1985, por aí. Só que você tinha que ser bem documentado, tinha que ter o registro, se não, não recebia.

### **Mas ai já não era Fundação, tinha virado Departamento de Cultura?**

Já. Depois eu conheci o Mauricio, o Renato. Ele ia muito na minha cidade. Nós montamos um texto infantil, *A Menina que Perdeu o Gato na Terça-Feira de Carnaval*.

### **Então fazia um projeto para o DEC e para o SNT?**

Isso. E não adiantava ficar escondido porque tinha televisão. E ela, à noite, dava as notícias de quem tinha recebido os valores, até a quantia. No outro dia, saía também no jornal A Gazeta. Era tudo muito bem controlado. Agora você tinha que prestar contas. Eu tive que aprender todos os nomes, borderô,...

### **E como é que foi a formação do grupo lá em 1976?**

Primeiro eu pedi a irmã um espaço. Ela falou que podia fazer, só se eu ficasse à frente, dirigindo. Aí ela me deu por dois anos. Eu peguei algumas alunas do Colégio Nossa Senhora Aparecida, algumas da cidade, e nós formamos um grupo de mais ou menos oito pessoas. Tudo mulheres. O nome era GRUTAUM, Grupo de Teatro Amador União de Montanha. Tinha que ter o nome amador, senão não recebia apoio da Federação. Eles tinham os festivais fora. Eu fui a Brasília... Andei o Brasil quase todo.

### **Como era o dia a dia do grupo?**

Ensaivamos só no domingo. Era uma coisa muita empírica, eu fico pensado: “meu Deus, como eu estava desatualizado”.

### **E o pessoal foi ficando no grupo?**

Ficaram. Teve uma menina mesmo, quando a gente montou *A Rica Avarenta*, e a Gazeta foi filmar a gente. E a menina se apaixonou pelo jornal e não é que ela veio trabalhar na Gazeta? Virou jornalista e foi embora para a Alemanha depois. Um pai conservador que precisou de eu ir lá e conversar. O pai falou para mim: “eu vou deixar ela ir, mas o senhor que é responsável”.

### **Vocês sempre ensaiavam no Colégio?**

Não. Era lá ou numa sala que eles cediam em outros colégios. Eu também era professor numa escola no centro da cidade. Depois a prefeitura fez um auditório pequenininho. Teve



um ministro dos transportes que dava para todos os municípios do Brasil uma verba para você fazer um negócio de comunidade. Ou centro comunitário ou teatro. Mas tinha que ter o terreno, tudo direitinho. Isso já foi em 1986, 1987. Eu lembro que nós fomos até na maçonaria. Ficamos lá dois anos, ensaiando e apresentando porque lá tinha um salão que era grande. Falei com o prefeito: “nós já temos um grupo, ele é conhecido...”.

### **Depois o auditório virou teatro?**

Foi. O auditório foi para fazer o teatro. Eu até coloquei o nome, Castro Alves. Naquela época, o SNT também dava para os grupos amadores uma mesa de iluminação, via Fecata. Levou dois meses para eu saber, a mesa tinha ido parar em Montanhas, no Rio Grande do Sul. A minha felicidade foi um senhor, muito meu amigo, que estava lá no aeroporto e me ligou, falando que estava lá. A mesa era para trinta refletores, vieram dez. Depois eu conversei com o Renato e o Maurício e eles me arranjaram mais dez.

### **Durou quanto tempo o grupo?**

De 1976 até 1991, quando eu vim embora para Vitória.

### **Todo anos vocês montavam um espetáculo?**

Todo ano. Teve até uma menina, que hoje é doutora, que falava: “Tião, quando é que vai ser a próxima peça?”. Eu falava: “essa nem acabou e você já está querendo outra?”.

### **Todo ano você conseguia apoio do SNT?**

Todo ano. Quando não era de lá era aqui da Fundação Cultural. E Tinoco dos Anjos, da Gazeta, me ajudava muito. Nós montamos uma peça chamada *Planejamento Familiar, solução brasileira*. Nós viemos apresentar aqui e o jornal filmou e colocou no ar.

### **Quando é que você começou a ficar sabendo que existia a Fecata?**

Depois que eu fui nesse encontro em Petrópolis, em 1986, por aí. A Confenata estava lá. Foi daí que surgiu meu apelido Xoxô. A história foi assim, dois senhores haviam ido para os Estados Unidos para aprender a fazer aqueles bonecos grandões. Quando eles voltaram, um falou tão mal do governo... Era já umas duas da manhã e eu morrendo de sono. Aí falei com um colega meu brincando, um de Recife e o outro de São Paulo: “esse cara é doido, quem quer pegar passarinho, fala xoxô”. Eu queria dizer que quem quer pegar passarinho fala xô, mas saiu xoxô. Meus colegas caíram na gargalhada, terminou a sessão. Eles saíram contando aquilo para todo mundo. Menino, aquilo foi uma loucura. Se eu mandasse um processo para o SNT e colocasse o meu nome, não sabia quem era, mas se eu colocasse embaixo, popular Xoxô, o processo andava.

### **Mas já tinha acabado a ditadura?**

Nada, dizem que era uma fazenda do Figueiredo onde nós estávamos. Parece que o Sesc estava próximo da fazenda dele. A gente ficava no Sesc e toda noite ia para Petrópolis assistir os espetáculos. Do Brasil inteiro, os melhores do Mambembão e do Mambenbinho. Aí que eu fui começar a aprender quem era Brecht, Martins Pena, Suassuna. Tinham quatro oficinas, você podia escolher a que você quisesse. De cada estado ia até seis pessoas. Aqui do estado só fui eu. Depois que a Fecata começou a mandar. Nós fomos a Brasília,...

### **Você se filiou a Fecata quando?**

Foi na época do Antônio Rosa Pepino.

### **Como é que você conheceu ele?**

Era assim, de dois em dois meses tinha uma reunião em Vitória. Quem era filiado tinha que vir. Eles mandavam correspondência...

### **E os festivais de teatro amador?**

Eram maravilhosos. Eu participei de todos.

**E eles davam alguma ajuda?**

Não tinha cachê, eles davam hospedagem e alimentação. Transporte eu pedia à prefeitura de Montanha. A Fecata que organizava. Tinham várias oficinas que você podia escolher. Tinham 146 grupos registrados no estado.

**Eram muitas peças no festival?**

Eram, durava uma semana. Eram duas peças por dia.

**O que você acha que os festivais possuíam de mais positivo?**

Era o intercâmbio. Eu conheci grupos de várias partes do estado ali. Os artistas daqui, Renato, Tadeu, Alvarito,... O Milson era muito famoso, cada cenário bonito. Eu me lembro de *O Boom da Poluição*. E a gente com um cenário pobre... Eu pensava: “onde é que a gente veio amarrar a nossa égua!” [risos]. Nós viemos com um espetáculo adulto na época, *A Rica Avarenta*. A gente ainda ganhou um prêmio de melhor atriz.

**Vocês participaram das Mostras da Ufes também?**

Não, lá era mais para universitários.

**Você via ou chegou a ver alguma dessas mostras?**

Vi.

**Você percebe alguma diferença dessas mostras para os festivais?**

Muito pouca, eu acho que os festivais eram menos intelectualizados.

**Você presenciou algum caso de censura nas mostras da Ufes ou no festival de teatro amador?**

Não, nunca vi a polícia baixar, mas tinha. Se você apresentasse qualquer peça sem o certificado de autorização da censura, era um certificado mesmo, verde e amarelo escrito censura, corria o risco de ser barrado. Eles mandavam a autorização por correio para mim.

**Seu grupo chegou a realizar algum ensaio aberto para a censura?**

Não, Montanha ficava muito distante.

**Voltando para a época do golpe militar, você acompanhou os casos de censura pela televisão?**

Eu via no jornal. Eu tive uma amiga, Alda Leite, que era produtora cultural e que foi torturada e pegou Mal de Parkinson. Ela ficou presa um ano e pouco.

**Onde vocês se conheceram?**

Nos encontros de teatro amador. Iam pessoas como a Lélia Abramo, Beth Mendes, o pessoal da rede Globo ia demais para lá.

**Você se lembra dos lugares em que ocorreram os encontros da Confenata?**

Brasília, Rio, São Paulo... Lá foi um sofrimento, não tinha lugar para dormir direito... Eu pensava: "ah se o Orlando estivesse aqui". Foi dito e feito, não é que ele apareceu lá. Até a comida melhorou. Teve também no Recife.

**Dava muita gente nos encontros?**

Muita. Só São Paulo levava doze, quinze pessoas.

**Você acha que o SNT foi mais atuante do que o Inacen?**

Sem comparação. Orlando Miranda veio a Vitória umas três vezes acompanhar o movimento teatral. Ele sabia dos grupos todinhos. Ele fez uma reunião no Teatro Estúdio aí quando eu apareci ele falou: “ah Xoxô, vem cá me dar meu abraço”. Ele falou para mim na época que nós éramos o único grupo a receber a segunda parcela porque os outros sumiam.

**Como é que era essa questão de parcela?**

Era assim, na estreia do espetáculo você recebia 80% do valor que tinha direito. Ficava faltando só 20%. Aí você tinha que prestar contas, preencher os formulários, era um pouco burocrático, mas você tinha que fazer. Depois vinha o resto. Ele falava que a maioria dos grupos ficava inadimplente, então não recebia o restante.

**Você se lembra das discussões sobre a política nacional de cultura?**

Em todos esses encontros da Confenata tinham discussões. Dividiam em regionais, para que cada um valorizasse a sua terra, o seu estado. Todo ano saía um documento dos congressos.

**E como é que você pensava a situação de um governo que perseguia, mas que apoiava.**

Criticava as políticas do governo, mas o governo “tapava a boca” porque, por exemplo, você recebia uma verba, então chama-se “tapa boca”. Como é que você vai cuspir no prato que comeu?

**Se fosse reclamar acabava ficando sem nada?**

Por aí. O nordeste recebia demais, o sul do Brasil... No Espírito Santo eram quase 160 grupos e todos em atividade. Tem outra coisa, se não tivesse um amigo no meio você não recebia nada. Eu me lembro que tinha gente de alto nível aqui de Vitória que não recebia do SNT. Virava o capeta, xingava... Eu ficava até calado.

### **Isso era discutido nos encontros?**

Era, o pessoal quebrava o pau.

### **E o Orlando Miranda falava o quê?**

Ele falava que não era ele, eram os técnicos, a comissão.

### **Você se lembra do grupo de teatro da Fundação?**

Lembro, era de Gilson. Uma vez nós fomos num encontro em Ouro Preto em que eles estavam apresentando Maria Minhoca. Menino, que luxo. Eles chegaram lá numa van de alto nível, todo mundo ficou besta. Eles não se misturavam com ninguém, eram uma elite.

### **Nessa época você conheceu os outros atores que faziam parte do grupo?**

Não, eles não se misturavam com a gente não. Mas, já era como estudantes da UFES. As mostras eram assim, qualquer pessoa poderia entrar. Porque o governo federal dava uma bolsa e você ficava ali com hospedagem e alimentação, além disso cobria a sua passagem. Tinha de ano em ano. Era só para universitários, mas qualquer um podia participar. Aí você podia pedir um apoio do SNT para fazer as oficinas.

### **Mas, o grupo que você viu em Ouro Preto era da Fundação Cultural, na década de 1970?**

Isso, por aí. Foi lá que eu vi também alguma coisa da ditadura. Nós fomos para um local que tinha um monte de pedra e o pessoal começou a pegar as pedras. Menino, a polícia baixou. Você não podia tocar em nada. Ficou mais de dois dias para resolver isso. Outro evento fortíssimo foi um encontro em Brasília. Nós pegamos o ônibus do Plano Piloto para Taguatinga que era onde estávamos ficando. No meio da estrada, parou o ônibus e a polícia. Alguém deve ter denunciado por engano a gente por alguma coisa que fizeram errado. Eu sei é que nós é que “pagamos o pato”. A minha felicidade é que eu sempre andei

arrumadinho, direitinho, porque o povo é doido, com aqueles cabelões, aquelas coisas... Então entrou lá um policial, educadíssimo. Meus colegas olhavam para mim, eu olhava para eles, a gente ficava sério... Aí o policial falou: “oh professor, depois de amanhã eu tenho uma prova com o senhor”. Ele me confundiu com o professor da universidade! Aí ele falou assim: “não professor, o senhor é muito meu amigo, eu gosto muito do senhor, eu vou te liberar, pode ir embora”. Na hora que o ônibus saiu eu falei: “eu que não quero mais aparecer aqui” [risos]. Naquela noite eu nem dormi, de tão assustado. Eu pensava assim, e se ele pedisse um documento que eu tinha esquecido em casa...

### **O ônibus ficou quanto tempo parado?**

Mais de meia hora. Eu estava quase na frente, na quarta cadeira.

### **E ele sabia que era um ônibus com o pessoal do teatro?**

Só pode porque era polícia federal especial. Eu sei que eles iam levar o ônibus todo. Isso foi nos anos 1981, 1982. Até o Guarnieri estava presente no encontro. Aí vieram dois advogados, um assessor do ministro porque a Confenata também era forte.

### **Vocês chegaram a se apresentar no Carlos Gomes?**

*A Rica Avarenta* foi no Festival de Teatro Amador. Quando a gente vinha para cá, eles davam um cachê para cada grupo, além de hospedagem e alimentação.

### **Os festivais de teatro amador cobravam ingresso?**

Não.

### **Você conheceu o grupo de teatro do Teatro Estúdio?**

Conheci, Toninho Neves que era o diretor. Ele montou um espetáculo muito bonito, *O Capeta de Caruaru*.

**Você sabe por que acabou o grupo?**

Acho que é porque Toninho foi para a televisão. Ele ficou também muito desiludido porque perdeu um filho num acidente de avião.

**Você se lembra do momento em que a Fundação virou DEC?**

Foi muito rápido.

**Por que você acha que acabou a Fundação?**

Porque ela não teve mais um bom administrador como teve antes.

**O que você acha que mudou quando virou departamento?**

Tinha menos dinheiro. O SNT também cortou as verbas que mandava para os grupos, em 1981, 1982 por aí.

**Quando que o Orlando Miranda saiu do SNT?**

Eu acho que foi em 1987. Ele ficou a ditadura toda, ele que segurou a barra.

**Então esse corte de verbas foi na gestão dele?**

Não.

**Essa redução de verbas era discutida nos encontros?**

Sim. As pessoas tinham acesso a essas informações. O Orlando dizia sempre que era problema orçamentário, mas só que quando chegava o final do ano todo mundo recebia.

**Você se lembra do Circuito Didático do DEC?**



Era assim, era didático mesmo! [risos]. Eram cursos com os melhores daqui da terra. Chamava-se *Semente*. Eles queriam criar articuladores de teatro nos municípios, mas que ficassem no seu lugar, que não saísse dali. Foram para Montanha duas vezes, uma com Renato e o outro eu não me lembro... Mas eles iam mais assim, ajudavam na montagem. O DEC dava a passagem e eu dava hospedagem e alimentação. O Renato ficou várias vezes lá em casa. Minha mãe tanto conhecia ele que quando chegava no sábado ela dizia: “Tião, o menino está aí, eu tô ouvindo a voz dele”. Saía daqui de noite, umas nove da noite, chegava seis da manhã em Montanha. São oito horas de viagem. Ele foi só para dirigir. Eu fazia a minha parte, deixava os atores com o texto quase todo decorado...

### **Então tinha um outro projeto que era para dar as oficinas?**

Não. O *Projeto Semente* tinha isso tudo. Tinha a montagem e as oficinas.

### **E o Circo da Cultura?**

Era um circo armado nas cidades do interior em que ocorriam espetáculos. Nós nos apresentamos duas vezes. Uma foi em São Mateus e no outro município eu esqueci o nome. Levava a gente, trazia a gente, ficávamos no melhor hotel e ainda pagava cachê. Era muito bom.

### **O circo foi a Montanha?**

Não.

### **E a Companhia Dramática Capixaba?**

Foi à Montanha. Era muito bem organizada. Tinha Beth Cazer, Alvarito,... Umas quinze pessoas. O espetáculo muito bem dirigido.

### **Eles cobraram bilheteria?**

Não. Era uma companhia mesmo estatal.

### **Você chegou a ter um grupo exclusivo de teatro de bonecos?**

Não, no grupo de Montanha a gente trabalhava com bonecos. A gente apresentava no dia da criança, em festa de aniversário,...

### **Vocês se apresentavam em Montanha com frequência?**

Sim e lotava. A gente teve a coragem de alugar um cinema que tinha filme todo dia para apresentar o espetáculo. A gente se apresentou por quatro domingos.

### **E dava bilheteria?**

Dava. A gente pagava os atores e ainda sobrava. No interior, quando as pessoas te conhecem, as mais ricas, elas te ajudam.

### **Foram espetáculos de fora para se apresentarem em Montanha?**

Foram. Eu levei um do Rio, muito bonito. Até o Galpão foi lá para Montanha. Eles iam para um Festival em São Mateus, em 1982, 1983, por aí. Foi uma época em que estava chovendo muito e não podia passar por Vitória. Eles estavam apresentando *Corra Enquanto é Tempo*. Eu gostei muito, eles são maravilhosos. Uma sátira às igrejas na rua. Eu conheci o Eduardo Moreira, aí ele falou para mim: "Xoxô, me salva, me dá só a gasolina, eu vou para a sua cidade, faço uma apresentação e de lá eu vou embora". Eu falei: "você é doido?". Mas, eu sempre tinha um dinheirinho guardado. Mas eu pensei, não vou gastar meu dinheiro não, a gente nunca sabe o que vai acontecer amanhã né? Aí eu falei para ele: "é o seguinte, eu vou embora hoje e amanhã vocês aparecem lá. Eu fui e conversei com o prefeito: "eu tenho um grupo que vai se apresentar aqui, mas eles precisam de um cachê para colocar combustível no carro". Eu me lembro do valor até hoje, como se fosse trezentos reais. Meu Deus! Eu falei, e como é que eles vão comer? E o prefeito disse que tudo bem, que daria os trezentos

mais um valor de combustível. Quando eu cheguei em casa o telefone estava que tocava. Minha mãe falou: “Tião, tem uma pessoa te procurando toda hora”. Quando eu atendi eram eles: “Xoxô, já estamos indo”. Eles tinham um carro antigo, uma rural. Aí eu fui em três escolas para conseguir os alunos para assistirem e depois fui de “boca em boca” avisando sobre o espetáculo, que seria às 20:00h em frente da prefeitura. Aí chegaram eles. Eu falei: “pode ficar tranquilo que na rua vocês não vão ficar”. Aí a Teuda: “mas não tem nem um lugar para a gente tomar uma cachacinha?” Eu falei que cachaça era fácil. Eu expliquei para eles o que eu havia conseguido, faltou eles chorarem de agradecimento. Até hoje eles são muito gratos. Eu levei eles e vários daqui do Espírito Santo para lá. Mas eu era exigente, só levava coisa que eu conhecia.

### **E esse espetáculo do Rio que você falou?**

Era *Duvideodó*, quem me deu foi o SNT. Deu as passagens deles até Vitória. Aí a passagem até Montanha, mais hospedagem e alimentação eu consegui com a prefeitura. Era bilheteria. Lotou o teatro. Eu trouxe também um cara do Rio Grande do Norte que na época era diretor do Serviço Nacional de Teatro. Aquela famosa peça chamada *Apareceu a Margarida*.

### **Você trabalhou como ator também?**

Não, sou péssimo! Só dirigi.

### **Para a gente fechar, quais espetáculos que você mais gostou de fazer?**

Um adulto que eu não esqueço nunca que foi o *Vaso Suspirado*, de um autor nordestino e um infantil da Maria Clara Machado que foi *O Camaleão e as Batatas Mágicas*. E um recente também de Maria Clara que é a *Coruja Sofia*.

### **E o que te atrai no teatro?**

Eu sou apaixonado por teatro. Eu acho que está no meu DNA. É a expressão da alma, é poder ser várias vidas.